

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ssso a demarcação  
e, à biografia hist  
erecer uma reflex  
E, no entanto, da  
a eleição como ba

## Biografia e História I

Género multifacetado, avesso a demarcações disciplinares e ponto de encontro de metodologias e modelos de diverso recorte, à biografia histórica é difícil emprestar uma unidade e, assim mesmo, uma autonomia que a façam merecer uma reflexão mais demorada sobre o seu lugar específico na história da historiografia portuguesa. E, no entanto, dada a exponencial multiplicação dos seus produtos nas últimas décadas e, sobretudo, a sua eleição como bandeira da viragem tradicionalista que tem recentemente vindo a marcar a historiografia (também) em Portugal, essa reflexão parece necessária.

Neste clima de renovação, ou revisão, historiográfica, muito se tem dito sobre a recuperação do género biográfico, durante décadas supostamente “esquecido” ou mesmo “desprezado” pela doxa académica dos grandes esquemas interpretativos e analíticos. Fácil será, por isso, reconhecer neste discurso o desenho de um modelo ideal de biografia que, de resto, alguns dos seus mais distintos praticantes explicitamente defendem. Aí, encontramos uma preferência acentuada por personagens com percurso público relevante (político, diplomático ou militar, e, por essa razão, maioritariamente masculinas) e o recurso a metodologias individualistas que reconhecem na vontade e na razão particulares o motor da acção histórica. A prática, porém, é avessa a modelos únicos. De facto, apesar da aparente matriz tradicionalista do exercício biográfico, um olhar mais abrangente sobre a escrita biográfica ao longo de todo o período contemplado por este Dicionário apresenta-nos um quadro bastante mais complexo que a paisagem pouco sombreada desse modelo ideal.

Será verdade que as grandes figuras – do *herói* militar e régio à versão democratizada do *grande homem*, mais própria da segunda metade de Oitocentos – dominaram sempre a escrita biográfica em Portugal. Personagens mais ou menos insignes, das esferas das armas e da governação às da ciência e da cultura, elas nunca foram outras que não aquelas dignas de “consagração” e de “lembrança”, como, já bem avançada a centúria, Oliveira Marques diria sobre “as grandes (e as pequenas) personalidades” do século XX cujo perfil urgiria traçar. Mas essa abertura ao domínio da criação e do intelecto, correlata da entrada progressiva na história de grupos sociais menos habituados a honras de retrato, veio alargar o universo dos biografáveis e, com ele, o das formas de intervenção nos processos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

históricos, para lá dos limites estreitos da historiografia mais convencional. (O. Marques, *Afonso Costa*, 1972: 17-18)

Por outro lado, as variações sobre a tese voluntarista, ou a contraposta assunção da prevalência do meio sobre o indivíduo, multiplicaram-se ao ritmo da produção biográfica. Esta circunstância, deve dizer-se, é, antes de mais, empírica. Não promoveu a historiografia portuguesa, até há poucos anos e com excepções muito localizadas, uma verdadeira reflexão de fundo seja sobre a representatividade do objecto biográfico seja sobre os limites, ou a liberdade, da acção humana. Apenas as décadas finais do século XIX (e mais tarde, por extensão ideológica, o período do Estado Novo), sob o influxo ora das teses positivistas ora daquelas, não necessariamente contraditórias, defendidas por autores como Thomas Carlyle e Ralph Waldo Emerson, assistiram a tentativas mais consistentes de elaborar uma teoria explicativa da intervenção do indivíduo na história. E mesmo então, pesem embora os textos – alguns tornados de referência – de Alexandre Herculano, Pinheiro Chagas, José Silvestre Ribeiro, Silva Graça, Oliveira Martins ou, acima de tudo, Teófilo Braga, é difícil distinguir, na grande maioria dos exercícios biográficos da altura, clareza teórica ou profundidade argumentativa que os sustivesse num presumível debate sobre a agência humana. Quer isto dizer que, na prática, e ao longo de todo o período aqui contemplado, o eclectismo foi marca constante do género, a figura retratada aparecendo mais ou menos condicionada pelas circunstâncias envolventes, mais ou menos capaz de intervir sobre o “meio social”.

Em termos esquemáticos, se possível fosse impor ordem segura a um género atravessado por concepções históricas diversas, abordagens fundamentalmente sincréticas e um conjunto demasiado heterogéneo de objectos, poderíamos dizer que a escrita biográfica em Portugal se desenvolveu entre os seguintes pólos (ideais), todas as combinações possíveis de elementos, na distância que medeia entre aqueles, dando origem a outros tantos modelos ou modos de biografar: (1) a consideração tendencialmente exclusivista do papel do (grande) indivíduo como motor da acção histórica e aquela acentuando o peso do contexto no seu condicionamento; (2) a utilização da biografia como fonte de *exempla* para as gerações presentes e futuras – na tradição da história *magistra vitae* –, nos antípodas da qual se situa o retrato de vida mais propriamente erudito, idealmente neutro, por regra produzido em ambiente académico, e cujo princípio e fim se prendem com a investigação; (3) o produto puramente académico, para consumo próprio, por oposição às obras editadas com intuito de popularização, geralmente mais próximas do registo literário; e, finalmente, (4) a autoria especificamente académica e aquela, amadorística, com frequência ditada pela curiosidade dos temas históricos.

Estas considerações, estendendo o leque das obras biográficas aqui contempladas, evidentemente pesam na sua contabilização final e nas conclusões que desta se podem derivar. Mas esse peso, ainda que relevante em termos quantitativos, é-o mais pelo que indicia sobre a variedade do género. Com



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

extensão e alcance diversos – e deixadas de fora, por especificidade própria, as escritas memorialística e de ficção –, dos retratos de grande fôlego àqueles conjuntos, como no caso dos dicionários e catálogos, passando pelos apontamentos biográficos de alcance puramente académico, pelas biografias intelectuais ou mesmo pela literatura panegírica dos elogios, o seu número é suficientemente expressivo para, pelo menos, confirmar a prática biográfica em Portugal como recurso comum de historiadores e curiosos de outra sorte.

Quer por constituir um objecto difícil de enquadrar, com linhas demasiado esbatidas, quer pela proverbial aversão do meio historiográfico português a exercícios auto-reflexivos, a biografia histórica só raramente mereceu a atenção enquanto objecto que a sua relevância prática justificaria. Essas contribuições, apesar de pontuais, não deixam contudo de ser significativas, em especial da alteração de estatuto que o género sofreu durante a centúria de Oitocentos. Dessa, aliás, é desde logo testemunho o debate – localizado, reconheça-se – que a escrita biográfica concitou no final do século, muito à custa da obra de Oliveira Martins e daqueles que adoptaram e discutiram as teses positivistas. Nesses anos concentra-se uma fatia importante da muito escassa reflexão teórica em torno da escrita biográfica no país, sempre exercício mais prático que reflexivo. Mas a tomada de consciência da singularidade do género, e das suas implicações, estava inaugurada.

É verdade que as primeiras avaliações do volume de produção biográfica foram tendencialmente negativas, embora reflectindo mais preocupações e ansiedades em campos particulares do que uma observação demorada. Pinheiro Chagas, por exemplo, lamentava, acima de tudo, a falta de “biografias universais” que preservassem e honrassem a memória dos “homens ilustres” da nação, como mais tarde se queixaria da escassez de textos memorialísticos que servissem de base ao trabalho do historiador – mas não sem ressaltar o facto de nunca como no seu tempo se ter dado à prensa tantas notícias e apontamentos biográficos, naquilo a que chamou um “delírio de minuciosidades”. Chagas opunha aqui, enquanto executante do género, a obra conscienciosa e crítica, mais própria do circuito académico em que ele próprio também se moveu, aos textos especialmente desenhados para satisfazer os apetites mais prosaicos do ‘grande’ público. A crescente actividade dos seus contemporâneos na arte de biografar ficava, ainda assim, atestada – e não esmoreceu nos tempos que se seguiram. Dominaram-na sempre, porém, os “grandes vultos” da história nacional, como, de resto, às biografias de recorte mais tradicionalista competia. As lacunas que, a espaços, foram sendo apontadas pelos autores que ao género se dedicaram tinham, por isso, tanto de confirmação do seu evidente vigor quanto de deploração pelo que em áreas particulares e entre personagens menos conspícuas ficava por fazer: assim o notou Carolina Michaëlis de Vasconcelos no caso das figuras femininas de segunda linha, como o notaram o Conde de Campo Belo, quando falava na necessidade de se constituir um “arquivo biográfico nacional” em que constassem todos aqueles que se haviam notabilizado a nível local, ou mesmo, já a aproximar-se o último



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

quartel do século, Oliveira Marques, que, ao volume existente de biografias sobre os nomes grados da história política nacional, contrapunha a necessidade de um “programa desenvolvido e organizado de estudos biográficos sobre os Portugueses do século XX”. (P. Chagas, *Portuguezes illustres*, 1869, p.xiii, *Migalhas de história portuguesa*, 1893, p.135, “*Historia de Julio Cezar...*”, 1864; Campo Belo, *O arquivo biográfico nacional*, 1944, p.5; C. Michaëlis de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria de Portugal...*, 1902, p.2; O. Marques, *op. cit.*, pp.17-19)

E, no entanto, mal-grado a escassa novidade que os exercícios biográficos foram trazendo, foi volumosa a produção nesta área, especialmente aquela destinada a um público mais vasto. A esse conjunto bem mais largo se referia M. Lopes de Almeida quando, apontando para a “avultada biografia” inscrita neste género (não apenas histórico), falava na necessidade de se lhe arranjar um lugar à parte na história da literatura portuguesa. De que a escrita biográfica foi, desde cedo, não apenas geralmente praticada mas objecto de curiosidade, não nos chegou notícia apenas em segunda mão. Notas sobre o sucesso e a facilidade com que esgotavam algumas obras deste teor, a frequência com que eram reeditadas (de que o caso de Oliveira Martins é o mais notável), a multiplicação de colecções editoriais especialmente dedicadas ao género ou a profusão de publicações periódicas em que a notícia biográfica ocupava lugar central, todas concorrem para pintar um quadro bastante menos lúgubre do que alguns comentários mais pessimistas fariam supor, mesmo no circuito mais propriamente académico. (Lopes de Almeida, *Introdução a Lourenço Mexia Galvão*, 1946, pp.23-24)

Já entrado o século XX, esse interesse pela biografia como género de direito próprio traduz-se nalguns esparsos textos em que o biógrafo, ou a produção biográfica, se torna objecto de estudo: como em Baptista de Lima, sobre o biógrafo de Garrett, Gomes de Amorim (1928); em Alfredo Duarte Rodrigues, na extensa obra que dedicou às inúmeras biografias redigidas em torno da figura do Marquês de Pombal (1947); em Cruz Malpique, sobre Teixeira de Pascoais, biógrafo (1960); em Alberto Iria, sobre os biógrafos portugueses de Garcia de Orta (1963); ou em Saavedra Machado, sobre José Leite de Vasconcelos, prolixo redactor de notas biográficas (1970). Um autor pelo menos houve, porém, que de forma mais abrangente tentou seguir-lhe o rasto, ou melhor, reconstituir ao longo do tempo aquilo que apelidou de “simpatia” pelo género biográfico: de António Feliciano de Castilho, Latino Coelho, Rebelo da Silva e Oliveira Martins a Gomes de Amorim, Rodrigues Cordeiro, Visconde de Sanches de Baena e Alberto Pimentel. Ele próprio praticante infatigável do género biográfico, ainda que sobretudo divulgador e por isso arredado do circuito académico, Mário Gonçalves Viana porventura terá sido aquele que, no campo da biografia (histórica) e antes da vaga biografista dos anos '80, melhor parece ter entendido as suas potencialidades e reflectido sobre o seu percurso. Escritor, professor e jornalista, para além de intenso colaborador com o regime estado-novista, dedicou ao género biográfico um extenso texto, misto de estudo e panfleto no tratamento da noção de *grande homem*, significativamente introdutório a um dos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

volumes traduzidos das *Vidas* de Plutarco. Convencido do sucesso da biografia entre os leitores tanto do presente quanto do passado, na apologia que traçava do seu modelo ideal M.G. Viana chegava mesmo a reclamar-lhe – como o Conde de Campo Belo fizera pouco antes – o estatuto de “ciência”. Ao que acrescentava: “Quem pretendesse seguir, a par e passo, a evolução deste género literário, ficaria verdadeiramente surpreendido, com a sua importância e extensão.” (M.G. Viana, “Ensaio preambular”, *max.* pp.34, 46; Campo Belo, *op. cit.*, p.7)

1. “**Varões insignes**”. Esse modelo ideal de biografia, ou o modo mais tradicionalista de a escrever, não foi, obviamente, uma criação *ex nihilo* ou sequer o resultado de uma série de ensaios que visasse refinar um modo próprio de relatar uma história singular. No caso português, como noutros, esse modelo, ou o género biográfico em geral, entronca sem pudor metódico de raiz na literatura panegírica, desde aquela hagiográfica até à cronística, ou mesmo aos retratos de vida insertos em sermões e outros textos comemorativos, como os elogios fúnebres. Que essa dimensão encomiástica (ou, por vezes, o seu oposto) tenha logrado persistir até aos nossos dias, especialmente naquelas obras viradas para a popularização, é apenas sinal da fácil adequação do registo biográfico ao exercício do juízo de valor próprio da história-tribunal, mais ou mais limitado por regras de boa prática historiográfica, mais ou menos submetido a circunstâncias políticas ou intuítos propagandísticos.

Assim com a historiografia biográfica de Antigo Regime, no tom laudatório e na escolha de figuras cimeiras, ditas exemplares, como objecto de estudo e via preferencial de representação da história nacional. Por altura da fundação da Academia Real das Ciências (aqui, ACL), a história era ainda, predominantemente – como bem notava Herculano –, a das dinastias, dos reis (ou, a espaços, das rainhas) e dos grandes, de resto como algumas décadas antes havia sido institucionalizado com a chancela da fugaz Academia Real da História Portuguesa (ARHP); e o tipo dominante de autor – assim se justificando que entre os insignes biografados se contabilizassem, com relevo, aqueles com percurso religioso ou, *maxime*, os heróis santos – o “historiador-eclesiástico”, à vez servidor da Casa reinante e membro do Clero. Casava bem com a busca de favor um género que, por concentrado em percursos particulares, fazia do elogio a trave mestra do discurso. Uma das mais citadas obras biográficas do período, os *Elogios do Reis de Portugal* (1785), expressivamente dedicada ao primogénito da família real, pertence exactamente a um desses homens, canonista, teólogo e membro da Real Mesa Censória, António Pereira de Figueiredo. De tom panegírico, conteúdo moralizador e circulação restrita, o seu modelo (como anunciava) era aquele clássico de Cícero, de uma história *mestra da vida*, mas também – como muito antes nos *Elogios* de Fr. Bernardo de Brito – os espelhos de príncipes; e o seu público, o das elites no poder, que dos exemplos se serviriam como guia de conduta própria. (A. Herculano, “Cartas...”, 1842; Reis Torgal, “Antes de Herculano...”, 1996, p.22; A.P. Figueiredo, *Elogios...*, 1785, “Dedicatória”)



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Mas se é verdade que o final de Setecentos é ainda o tempo da literatura cronística, do *Gabinete Histórico* (1818-1831) de Fr. Cláudio da Conceição aos exercícios mais particulares, e, bem assim, das versões refundidas das vidas de santos e outras figuras da Igreja, duas circunstâncias vieram alterar quer o seu peso no cômputo geral da produção historiográfica, quer a concepção de história em que se sustentavam.

Em primeiro lugar, e conjugado com a fundação da ACL, o estabelecimento de regras de boa prática metodológica, que vieram configurar pela base o labor historiográfico. De facto, a necessidade de se proceder a um levantamento de dados sobre o passado do país, princípio que em larga medida se plasmou no modelo das *Memórias* da Academia, veio promover um registo mais marcadamente erudito, afastado do pendor encomiástico prevalecente. Nessa vertente se desenvolveu, por exemplo, uma forma de apresentação de resultados que, no tom mais directo e curto da notícia, subvertia pela base a referência tradicional(ista) da escrita biográfica: a dos compêndios e/ou catálogos, meras colecções de apontamentos cronológicos na sua versão mais básica, dicionários ou biografias de conjunto naquela mais acabada. Será o caso de Francisco Nunes Franklin, que retomará parte do trabalho iniciado por Fr. Manuel de Figueiredo em torno dos cronistas-mor do reino, como de António Ribeiro dos Santos ou de Francisco Manuel Trigo; e, fora do âmbito restrito da ACL e sob o formato desenvolvido do dicionário, as obras de referências de José Mazza sobre os músicos em Portugal, de Cirilo Volkmar Machado sobre os seus pintores ou, sobretudo, de Inocêncio da Silva, o mais directo herdeiro no domínio da bibliografia da tradição remotamente inaugurada por Barbosa Machado. Longe de uma manifestação marginal, mesmo no campo mais específico das histórias de vida, estas colecções de notícias vieram a constituir um (sub-)género de sucesso ao longo dos séculos que se seguiram, antes de mais na tradição metódica cujos fundamentos se lançavam.

Não é que, mesmo no contexto da ACL, o tom laudatório do discurso historiográfico se viesse a dissipar por completo, como, aliás, fica atestado à saciedade pelo formal e sistemático elogio de académicos e figuras da Coroa. Seria, de resto, inerente às funções de alguns destes homens que, à semelhança de Francisco Franklin – autor de uma crónica sobre o primeiro duque de Bragança –, desempenharam cargos como o de Cronista da Casa de Bragança. Não tinha, ainda, deixado de dominar a figura do historiador-eclésiástico, tão bem representada por outro cronista régio, D. Tomás Caetano de Bem, ainda que sobretudo enquadrado pela entretanto defunta ARHP. Autor de obras biográficas de teor religioso, como grande parte dos seus congéneres, juntou-lhes, por inerência de funções, um trabalho genealógico sobre os reis de Portugal e um ‘dicionário’ das suas famílias ilustres. Mas a direcção em que apontava o seu trabalho, e o de outros, também por ter sido ainda um exímio organizador de arquivos, era já outra que não a da literatura essencialmente panegírica.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Alargados os horizontes do labor historiográfico para lá das noções de serviço, dívida ou devoção, alargava-se ao mesmo tempo o leque das personagens dignas de retrato (literatos e homens de ciência), mesmo em trabalhos monográficos mais demorados. São, e serão, ainda personagens notáveis, mas já não apenas, ou sobretudo, aquelas que a literatura dos grandes feitos de conquista sublimara: no contexto da ACL, por exemplo, A. Ribeiro dos Santos debruçar-se-á sobre as figuras, e a obra, de Pedro Nunes e Francisco de Melo (1806), ambos matemáticos, e Francisco Alexandre Lobo sobre as de Camões e do Padre António Vieira (1820 e 1823). Estava definitivamente franqueada a entrada, em particular pela via da biografia intelectual, a muitos daqueles que a literatura mais exclusivista dos reis e dos militares havia deixado de fora.

O panorama da escrita da história, em geral, e daquela biográfica, em particular, veio, no entanto, a sofrer alteração profunda por uma segunda circunstância, não apenas exterior ao circuito mais restrito da academia, como em muitos sentidos responsável pela abertura da historiografia – especialmente sob a forma acessível da história de vida – a um público mais lato que o da Corte e do Clero. António Pereira de Figueiredo havia redigido os seus *Elogios...* em português e latim, na ambição de que a obra viesse a circular fora de portas. Nela não é, contudo, possível vislumbrar um propósito de divulgação que hoje, fora do ambiente da academia, é intersticial ao próprio género biográfico. Os primeiros sinais de convulsão política e social no século XIX vêm, no entanto, e paulatinamente, modificar o cenário. É verdade que uma parte do debate sobre a legitimidade régia e de regime – entenda-se, daquela que assentou sobre argumentos históricos – se continuou a fazer no interior dos circuitos letrados, especialmente sob a forma do elogio. Mas, cada vez mais, e pela via do confronto, a literatura biográfica não só era arma política, como apontava a um conjunto de leitores que não apenas o das elites no poder. (A.P. Figueiredo, *op. cit.*, p.1)

Os *Retratos, e elogios dos varões, e donas, que ilustraram a nação portuguesa...* (1817), da autoria quase exclusiva do instrutor régio Pedro José Figueiredo, são, a esse respeito, sintomáticos: publicados sob a forma de folhetos entre a primeira e a segunda décadas da centúria, ilustrados e assumidamente redigidos num estilo claro que facilitasse a sua compreensão, não apenas se dirigiam de um modo abrangente aos “portugueses” (entendidos como os “cidadãos”, no sentido clássico do termo), como alargavam de um modo significativo o leque de personagens retratáveis. Não eram já os elogios tão-somente de monarcas, mas os elogios, traduzidos em *exempla*, de “varões” e “donas” insignes da nação, ainda que o domínio de membros do Alto Clero e da Realeza configurasse um discurso de moralização – explicitamente moldado nas *Vidas* de Plutarco – profundamente conservador. Não foi caso único no seu tempo, é certo. Pela mesma altura, e sob formato semelhante (mas com textos, ou epítomes, de muito menor dimensão), saíam a lume, por exemplo, os *Retratos dos grandes homens da nação portuguesa*, editados pelo espanhol Antonio Patrício Pinto Rodrigues. A colecção de Figueiredo, contudo, não só juntava às tradicionais figuras da Realeza, das armas e da religião outras oriundas das



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

esferas das ciências e das artes, como reservava ao género feminino uma atenção invulgar, embora não inédita, em obras do mesmo tipo. (H.M. Samyn, “Retratos de donas”, 2013)

O impulso que o género biográfico veio a sofrer pouco depois da viragem do século XIX partiu quer da acelerada mutação dos critérios que presidiam à selecção das personagens biografáveis, quer de uma reelaboração do registo panegírico que sempre prevalecera. Não que este tenha desaparecido; antes, alimentou-se, em grande medida, de uma consciência nova do uso do espaço público e das potencialidades encerradas num determinado discurso sobre o passado (nem sempre remoto), de que a eleição dos seus mais dignos representantes determinaria o sentido. Que, também aqui, os representantes autorizados da legitimidade e da memória do regime e da Casa reinante, na ACL como na universidade, tenham tido um papel a desempenhar não será inusitado. Faltava ainda muito para que os terrenos da erudição e da divulgação, ou da propaganda, se distinguissem com alguma nitidez. Em plena Guerra Peninsular, o futuro arcebispo e lente da Universidade de Coimbra, Fr. Fortunato de S. Boaventura, fazia publicar na Imprensa Régia uma série de breves retratos dedicados a registar para a posteridade o nome e os feitos daqueles que nela mais se distinguiam. Discurso projectivo, destinado a inscrever na história, que ainda o não era, acções presentes e futuras, fazia do modelo do elogio a referência mais próxima de um modo de biografar politicamente comprometido e intensamente praticado ao longo das muitas décadas que se seguiriam. Volumes de escassas dezenas de páginas, as “notícias biográficas” de Wellington, Beresford, Trant ou do General Silveira anunciavam, do lado conservador da barricada, o novo fôlego que, pelas mãos de académicos e curiosos de outras paragens, já adentrado o século, o género viria a ganhar.

**2. “Grandes homens vulgares”.** A biografia conhece, de facto, na centúria de Oitocentos o seu primeiro momento de verdadeira expansão, em termos do alargamento do número de executantes como do aumento exponencial da sua procura. A este fenómeno, ou a esta “época de hipermnésia”, como lhe chamou Castelo Branco Chaves, não foi obviamente estranha a relativa democratização do acesso ao livro, nem essa alteração pronunciada no perfil da personagem retratável, especialmente pela via da abertura do género à contemporaneidade e ao confronto político. O clima era, por ironia, propício à perpetuação, ainda que com novos actores, do tom panegírico que até aí tão bem casara com o género biográfico e as concepções mais tradicionalistas da escrita da história. Será verdade que o predomínio do registo cronístico, mais ou menos mitigado, e a eleição preferencial de figuras exemplares provenientes das esferas das armas e da governação se foram tornando menos nítidos no período liberal – mas não desapareceram. Não apenas continuaram a marcar a obra de autores de feição conservadora, como, no reverso da medalha, a daqueles que viram na publicitação das façanhas nacionais e dos percursos singulares uma via privilegiada de apologia do novo regime e da nova ordem social, encarnados pelos seus maiores (mas também, a espaços, menores) expoentes. Em mais que um sentido, como se verá, o *grande homem* das visões democratizantes do Liberalismo consistirá, sobretudo, numa reformulação do tradicional *herói* do





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

passado. (C.B. Chaves, *Memorialistas portugueses*, 1978, p.15; F. Catroga, *A historiografia de Oliveira Martins*, 1999, pp.448-449)

Não obstante o comprometimento cívico e político, distintamente nacionalista quando não propagandístico, que caracterizou esta nova fase da escrita biográfica, o seu evidente vigor não foi um produto estranho aos circuitos mais restritos, e em vias de especialização, da actividade historiográfica. No novo Curso Superior de Letras ou, mais tarde, nas faculdades de letras, como na ACL, no Instituto de Coimbra ou na Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), a biografia histórica foi tanto produto erudito – e, no trilho de um Positivismo nem sempre adoptado a rigor, via de reflexão sobre a determinação e a indeterminação em história – quanto veículo privilegiado de intervenção do historiador na sociedade do seu tempo. Não se perdera, de facto, sob a instabilidade política e social desses anos, a tradição erudita herdada da centúria anterior; antes, foi-se cimentando e assegurando larga longevidade como última instância da autonomia e da especificidade do labor historiográfico. Nela encontramos alguns dos mais convictos biógrafos da altura, autores de notícias de curto alcance, muitas vezes saídas em publicações periódicas, mas também de textos de maior escopo. Com fins essencialmente de estudo, esses retratos de vida destinavam-se a resgatar da sombra personagens de menor nomeada – como nos catálogos e dicionários, coligindo elementos perdidos ou dispersos em *corpus* abrangentes –, mas também a rever à luz dos documentos versões anteriores. Vemo-lo, entre outros, em bibliófilos – da obra monumental de Inocêncio da Silva, depois prosseguida por Brito Aranha, a Joaquim de Vasconcelos –, ou mesmo, alimentando uma tendência com praticantes até hoje, em autores como o Visconde de Sanches de Baena e Rodrigues de Gusmão, os quais, enquanto médicos e autodidactas da história, fizeram da colecção de notícias biográficas, algumas desenvolvidas em volume extenso, uma das suas principais ocupações.

Mas se, no trabalho de alguns destes homens, frequentemente enquadrados por institutos e pela ACL, se vislumbra uma abertura temática apoiada essencialmente na recuperação quase filigrânica de trajectos menos conspícuos do que aqueles das figuras de proa da história nacional (assim potencialmente se distanciando do predominante modelo laudatório dessas biografias), é acima de tudo nas margens da historiografia ou da crítica histórica, tal como se vinha institucionalizando, que encontramos a força propulsora por detrás do *boom* biografista de Oitocentos: são os divulgadores – de fora e de dentro da academia – quem domina o panorama da escrita biográfica por estes anos, e são eles quem definitivamente alargará, para lá dos limites estreitos do biografismo mais convencional, o universo das personagens retratáveis. “Improvisados grandes homens vulgares”, como lhes chamava Garrett, ou aqueles que por mérito se haviam engrandecido, não serão já, apenas, as figuras gradas que continuarão a dar título ao grosso dos textos biográficos ou a preencher as páginas das múltiplas colecções de vidas ilustres que iam sendo editados, mas também os nomes que o tempo mais recente distinguiu: os dos parlamentares de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

pouca nomeada, dos jornalistas, dos músicos, dos actores. (A. Garrett, “Memoria historica de ... Mousinho da Silveira”, [1849], p.350)

Neste movimento de abertura convergiram formações e interesses opostos, entre os quais, significativamente, os daqueles que melhor representaram o movimento de especialização da história. Que, em meados da centúria, a redacção da biografia da actriz Emília das Neves, à data ainda no activo, tivesse sido disputada por Almeida Garrett, Rebelo da Silva, Júlio Machado, Latino Coelho e António Feliciano de Castilho, é sugestivo desse clima de permuta e partilha de interesses e referências que só o terreno da divulgação poderia propiciar. Mas, também, e acima de tudo, da naturalização de uma concepção do tempo histórico de que o retrato de vida, antes de outros géneros, dava sinal: uma concepção que poderíamos chamar *presentista*, seja na espessura temporal que antecipadamente se descobria no percurso de figuras contemporâneas ou do passado muito recente – assim as erguendo a monumento –, seja na actualização da obra e dos feitos de grandes vultos do passado mais remoto, participantes activos, por via biográfica, no debate político hodierno. Essa espécie de comunhão entre passado e presente, que desde logo se detecta no modo comum como um mesmo autor traça os perfis de personagens de antanho e do seu próprio tempo, era ditada por duas noções que dominaram o panorama intelectual português durante a maior parte do século XIX e do seguinte: a de *nação*, entidade meta-histórica para a qual convergiam acções passadas e presentes, e a de *grande homem* – que aqui nos interessa –, conceito que, por menos restrito que o de *herói*, alargava os critérios que determinavam quem mereceria honras de retrato. (L. Câmara Leme, *Emilia das Neves*, 1875, p.5; A.F. Castilho, “Emilia das Neves e Sousa”, 1860, pp.197-99)

Pela sujeição a esses denominadores comuns, como pela forma essencialmente semelhante como se abordaram, e julgaram, actores passados e presentes, não é possível destrinçar os passos dados pela biografia histórica em particular daqueles dados pelo género biográfico em geral (leia-se, pela literatura dedicada ao retrato de homens insignes). Foi, de resto, a atenção crescente à história próxima, quando não, em rigor, contemporânea, que sobretudo promoveu o encontro entre a academia e o grande público e assim, em larga medida, determinou o percurso e o sucesso da historiografia biográfica de Oitocentos. Essa atracção pela contemporaneidade não foi sempre preponderante. Numa parte significativa dos casos, mesmo entre homens com actividade política paralela, o passado mais remoto permaneceu até como o foco principal de interesse, como em Luciano Cordeiro, Conde de Sabugosa ou José Silvestre Ribeiro. Mas teve vários adeptos entre historiadores de pleno direito e chegou mesmo a congregar esforços de académicos e outros literatos, nomeadamente através da colaboração em publicações periódicas mais ou menos especializadas. Em 1870, por exemplo, Luís Rebelo da Silva fazia sair a lume os *Varões ilustres das três épocas constitucionais*, onde coligia artigos previamente publicados na imprensa periódica. Uma fatia substancial dessas notícias, acompanhadas de retratos, tinha aparecido na *Revista contemporânea de Portugal e Brasil (RCPB)*, a mesma onde haviam participado autores de formação tão variada como Latino



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Coelho, Pinheiro Chagas, António Feliciano de Castilho, Inocêncio da Silva, Mendes Leal, Júlio César Machado e Teixeira de Vasconcelos, todos eles empenhados redactores de trabalhos biográficos e a maioria com estudos em torno de figuras do passado remoto: Latino Coelho editaria as vidas de *Garrett e Castilho* (1917), a partir de artigos surgidos nas revistas *Panorama* e *Portugal artístico* e na já referida *RCPB*, ainda que a sua actividade de biógrafo tenha ficado antes de mais marcada pelas obras sobre Pombal e, na celebrada “Galeria de varões ilustres de Portugal”, da editora Corazzi, sobre Camões e Vasco da Gama; Pinheiro Chagas, para além de outras biografias de maior fôlego, adoptou com sucesso o modelo da colectânea para o grande público e para as escolas com *Portugueses ilustres* (1869), pequeno volume em que se ocupava de grandes vultos portugueses desde os prolegómenos da nação; António Feliciano de Castilho, como menos expressivamente o irmão José Feliciano, ia dedicando, paralelamente à actividade jornalística, extensos estudos biográficos às vidas de escritores da época moderna; mesmo as *Glórias portuguesas* de Teixeira de Vasconcelos (cuja matéria fora fornecida pela *Gazeta de Portugal*) obedeciam – como convinha a um membro da ACL e da SGL – ao prurido crítico do “historiador”, que rejeitava o retrato de personalidades ainda vivas (T. Vasconcelos, *Glorias portuguezas*, 1869, p.viii).

Como a *RCPB*, outras publicações pela mesma data fizeram da notícia de vida, em particular de figuras coevas, e muitas vezes dos respectivos retratos (considerados como auxiliares no processo de reconstrução biográfica), a âncora da publicação. Mais ou menos populares, dependendo do público-alvo, elas foram-se sucedendo ao longo da segunda metade do século, conquanto com longevidade variável: o *Álbum: publicação foto-biográfica*, o *Arquivo biográfico* (de que terão mesmo esgotado alguns números) ou os *Retratos de homens ilustres do século XIX*, sobretudo assentes na reprodução de imagens, mas também, em alguma medida e apenas a título de exemplo, o *Arquivo Pitoresco* (onde Inocêncio publicou com abundância), a *Ilustração*, a *Gazeta de Portugal* – as duas últimas ligadas a Teixeira de Vasconcelos – e, acima de tudo, o *Plutarco português* (1881), título que vinha acompanhado da sugestiva legenda *Colecção de retratos e biografias dos principais vultos históricos da civilização portuguesa*. Contando, nos escassos fascículos saídos a público, com a colaboração de autores de nomeada, no interior ou nas franjas do circuito académico (Teófilo Braga à cabeça, para além de Oliveira Martins, Joaquim de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos ou Júlio de Matos), o *Plutarco português* constituiu nesta área, porventura, um dos exemplos mais evidentes e acabados, mesmo que não mais populares, da tentativa de intervenção da comunidade letrada na esfera pública. Essa “história com nomes”, como se lhe referiu Teófilo no texto de abertura sobre a “teoria dos grandes homens”, era afinal o veículo de eleição, dos sectores mais conservadores aos de vanguarda, para promover o contacto com um público mais vasto. O *Plutarco...* optara, porém, por um estilo demasiado erudito para, no panorama português, poder competir com a linguagem deliberadamente simples e acessível de que a imprensa mais popular – e, alegadamente, democratizante – fazia uso. (T. Braga, “Theoria dos grandes homens”, 1881, p.vi)



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Na imprensa periódica e nas edições de pequeno formato, tanto quanto nas monografias dedicadas a grandes vultos ou nas “biografias universais” de que falava Pinheiro Chagas, ia tomando forma um primeiro esboço de um *corpus* biográfico nacional ou, num formato mais alargado que o original, aquilo a que Garrett chamara um “Plutarco da mocidade”, cujos princípios e conteúdo expôs no extenso ensaio sobre a educação dedicado a D<sup>a</sup> Maria II. No ensino, de resto, essa pedagogia do exemplo, variável apenas quanto ao protagonismo relativo do antigo *herói* ou do mais recente *grande homem*, foi grandemente consensual, como o foi, na literatura mais especificamente dirigida ao público infantil e juvenil, o recurso ao retrato das grandes figuras: de Pinheiro Chagas ou Alfredo Gallis a Vilhena Barbosa, cujo compêndio de *Exemplos de virtudes cívicas e domésticas: colhidos na história de Portugal* será adoptado nas escolas e sucessivamente reeditado ao longo de duas dezenas de anos. (J. Ribeiro Ferreira, “Débito de Almeida Garrett a Plutarco”, 2008; S. Campos Matos, *Historiografia e memória nacional*, 1998, pp.396-97)

A consciência de que os temas históricos e a personalização do passado apelavam fortemente à curiosidade geral era, na verdade, partilhada por todos aqueles que se dedicaram à escrita biográfica, embora as motivações e os objectivos que lhe subjaziam não fossem coincidentes. Essa consciência por si só, e independentemente de considerações de tipo epistemológico, justificaria em larga medida o número significativo de autores, também historiadores de pleno direito, que o praticaram. Mas a distância que mediava entre os volumes de doutrinação democrática de Teixeira de Vasconcelos na série “Livros para o povo” ou os pequenos folhetos quinzenais da colecção “Propaganda democrática: o que o povo deve saber” (1886-88), em que Consiglieri Pedroso fez sair biografias de figuras políticas contemporâneas, e as séries biográficas que algumas editoras foram inaugurando para albergar a publicação de obras de maior volume e alcance, quase sempre sobre personagens do passado remoto, era evidente. Assim com a já citada “Galeria de varões ilustres de Portugal”, da Corazzi, com os “Serões manuelinos”, que a Ferin lançava pouco depois pela mão de Luciano Cordeiro, ou, já virado o século, com as “Mulheres ilustres”, a fugaz colecção que Olga de Moraes Sarmiento projectou e executou no âmbito do seu activismo feminista. Apesar da curta longevidade da maioria destas séries, elas não constituíram um fenómeno meramente episódico. Antes, fizeram parte de uma estratégia editorial largamente partilhada, a esse título sendo exemplar a actuação da própria Imprensa Nacional. Não abdicando de um estilo acessível que lhe garantisse uma adesão minimamente expressiva, a antiga Imprensa Régia patrocinaria edições seriadas do mesmo tipo, como “Biografias, apreciações e narrativas”, mas, sobretudo, “Portugueses fora de Portugal” e, em plena crise ultramarina, “Descobertas e descobridores”, em que Luciano Cordeiro, não por acaso um dos fundadores da SGL, veio a publicar parte da sua investigação. Facto não despreciando, alguns destes volumes conheceriam mesmo novas edições já sob a égide da Agência Geral do Ultramar ou da actual Imprensa Nacional.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Desenhava-se, assim, um modelo de popularização, e mesmo de intervenção cívica, mais em sintonia com o movimento de especialização do trabalho historiográfico. Um modelo menos directamente propagandístico e preferencialmente voltado para um passado mais remoto e menos tingido pelas lutas intestinas que atravessaram o século até à Primeira República, ainda que fosse a actualidade política, como a questão colonial, a marcar-lhe o compasso. À imagem daqueles que, em clima de profunda alteração do sistema político, se viram receber honras de monumento, nomeadamente através da publicitação da sua história de vida, os heróis do passado tornavam-se heróis do presente. A empenhada recuperação, especialmente em época de comemorativismo, de narrativas heróicas, que contavam como protagonistas com Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Luís de Camões, Nuno Álvares Pereira e o Infante D. Henrique, entre outros, constituiu, afinal, a face mais acentuadamente histórica de um discurso, ou de discursos, sobre o estado presente e futuro do país. O caso profundamente polémico do Marquês de Pombal – “o português mais historiado de Portugal” –, ora “génio” ou “grande homem”, ora “vilão” ou tão-somente “figura notável”, foi sobretudo sintomático de um *modus* generalizado de personalização da disputa ideológica, pelo inusitado volume de publicações biográficas que lhe foram dedicadas. (Alfredo Duarte Rodrigues, *O Marquês de Pombal e os seus biógrafos*, 1947)

Produto do seu tempo, o perfil dominante do autor de trabalhos biográficos, mesmo daqueles em que a originalidade (de investigação ou de abordagem) se sobrepunha ao intuito divulgador, trazia a marca de um clima político especialmente favorável à intersecção entre labor erudito e intervenção pública. Nela, ainda mais que no ambiente restrito da academia, se situou o fundamental da reflexão sobre o papel do indivíduo nos processos históricos. Desta circunstância dava sinal o jornalista e político Luís de Magalhães, ao se referir aos artigos que o seu antigo companheiro de armas e mentor, Oliveira Martins, publicara n’*A Província*, o jornal que serviu de órgão ao movimento da Vida Nova: mais que “escritos políticos”, “batalhas de princípios e ideias governativas” – que também o seriam –, eles eram, dizia, “pequenos trabalhos de história, – história do passado ou história da actualidade, – estudada [na] psicologia dos homens que a propulsionam e a norteiam com as suas ideias, os seus sentimentos e as suas acções.” Na colectânea destes artigos que veio a ser editada, já depois da morte do seu autor, sob o sugestivo título de *Perfis*, conviviam figuras nacionais com outras estrangeiras, como o quisera Garrett no seu plano educativo de um “Plutarco da mocidade”. Os artigos sobre heróis militares, estadistas e intelectuais nos quais Oliveira Martins reconheceu a *excepção* – Pombal, Saldanha, Garrett, Antero, Napoleão, Luís da Baviera, Gladstone, Renan,... – não foram senão o ensaio para as suas obras biográficas maiores e aquelas que, ainda hoje, lhe creditam grande parte dos louros. Mas naqueles de forma ainda mais expressiva, porque mais próxima do biografismo do seu tempo, encontrava-se já uma concepção – ecléctica, porém – de história e, em particular, da agência humana, a qual largamente ecoava os debates em torno da noção de *grande homem*, e de *herói*, que tingiram a produção biográfica mais relevante da segunda metade de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Oitocentos, dentro e fora dos circuitos académicos. (L. Magalhães, “Oliveira Martins: o historiador e o político”, 1930, p.ii)

Em Oliveira Martins como noutros, é especialmente sintomático o modo sincrético como compunham variações sobre a tese voluntarista, tão em voga à época. O debate sobre a concepção de *grande homem*, que no final do século ocupou a linha da frente da teorização historiográfica em torno da agencialidade, nunca ofereceu visões bem delimitadas. De certo modo à semelhança da abordagem de Herculano, quando este, a despeito de contrariar a história dos reis e das dinastias montada sobre figuras singulares, na prática sublinhava o papel da vontade e das motivações individuais como factores explicativos, nunca a grande personagem se conseguiu divorciar do colectivo que lhe servia de referência ou, sequer, dos condicionalismos à sua acção que o meio social lhe impunha. Por um lado, o uso quase indiscriminado das noções de *herói* e de *grande homem*, conquanto à primeira se referissem acima de tudo os homens de armas e à segunda o cada vez mais dominante benfeitor da humanidade (entre estadistas e homens de letras, artes ou ciências), apontava para a prevalência consensual do critério de *excepcionalidade*, ou de *superioridade*, na selecção dos protagonistas da história, muito para além de considerações sobre os limites que se poderiam ou não reconhecer à sua acção; por outro, e como decurso lógico, dominava um acordo de facto, e em termos gerais, sobre a sua concepção (simultânea ou mesmo intermutável) enquanto *síntese*, *símbolo*, *representante* ou *intérprete* do todo nacional no seu devir histórico. Por beberem sem distinção de partida no idealismo romântico, sobretudo por via francesa, pouco foi de facto o que separou neste domínio as teses voluntarista da sociológica ou mesmo da providencialista, pese embora a maior influência atribuída ora aos percursos individuais (como nos grandes retratos de O. Martins) ora ao “meio social” (como insistia Teófilo) sobre a marcha histórica. Ainda que com correcção de excessos – o que explica as críticas de Consiglieri Pedroso e Emídio Garcia à teoria da escolha divina, ou de alguns positivistas e republicanos à hiper-subjectivação de certas narrativas –, o papel de destaque conferido às grandes personalidades, o reconhecimento da sua relevância no desenrolar dos processos históricos, foi praticamente unânime entre os muitos que, no meio historiográfico, se dedicaram à biografia (ou a ela recorreram para compor obras de síntese). É, neste sentido, tanto mais significativo que, mesmo entre aqueles tocados pelas teses deterministas, a consciência da eficácia do retrato de vida junto de um público maioritariamente iletrado se tenha, com frequência, sobreposto aos relatos despersonalizados: como no caso do positivista Zeferino Cândido, em que são as grandes figuras quem fornece os títulos aos capítulos de *Portugal* (S. Campos Matos, “História, positivismo e função dos grandes homens”, 1992, e *Historiografia e memória nacional*, 1998, pp.395-401, 409-28; F. Catroga, “O magistério da história e a exemplaridade do ‘grande homem’”, 2004; A.M. Hespanha, “A história na cultura portuguesa contemporânea”, 2009, pp.585-86).



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Esta consciência, que era também a da *imaginação* e do *sentimento* como principais vias de atracção das massas anónimas, foi traduzida de forma diversa pelos autores que se dedicaram à escrita biográfica. Não foram muitos os que, como O. Martins, se notabilizaram no domínio da biografia como exercício literário, ou *arte da ressurreição*, fosse por a rejeitarem em matéria de princípio, fosse pelo papel que a erudição desempenhava nos seus interesses e actividade. Mas na clara preferência que votaram ao género, sobretudo espelhada nos volumes de maior fôlego, era quase por igual manifesta uma concepção pedagogizadora e moralizante assente na ideia da biografia como terreno de eleição da história ou desta, à moda de Carlyle e de Emerson, como colecção de biografias. Vários foram os que, como vimos, antes mesmo da inegável influência exercida pelas obras de O. Martins, se entregaram com sucesso à escrita biográfica, cultivando-a como género preferencial: Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Rebelo da Silva, Latino Coelho ou Luciano Cordeiro. Todos eles, à sua maneira, discípulos de Plutarco e de Cícero, utilizando as histórias de vida como meio de moralização politicamente activa, mas também, provavelmente, todos eles, ou a sua maioria, conhecedores das teses individualistas então em voga. (O. Martins, *Os filhos de D. João I*, [1891], p.8; P. Chagas, "*Historia de Julio Cezar...*", 1864; T. Braga, *Os centenários como synthese affectiva...*, 1884, p.181)

Quer T. Carlyle (1841) quer R.W. Emerson (1850) já haviam por essa altura publicado as suas obras maiores sobre a função dos *grandes homens* ("*heroes*" no primeiro, "*representative men*" no segundo), conquanto as edições portuguesas só tivessem sido projectadas na centúria seguinte, significativamente parte do programa de instrução cívica da Renascença Portuguesa. Da história da humanidade haviam eles dito resumir-se à história dos seus grandes homens, como assim mesmo fará Luís de Magalhães no prefácio aos *Perfis* de O. Martins ou, várias décadas mais tarde, Mário Gonçalves Viana, um dos porta-vozes de serviço do regime salazarista. Que a ideologia estado-novista tenha transformado a asserção em doutrina terá sido o corolário lógico do percurso seguido pelas teses voluntaristas durante o período conturbado que antecedeu e se seguiu à implantação da República. Não sem a sua própria dose de eclectismo filosófico (a obra de Nietzsche sobre o *Übermensch* saía no mesmo ano), traduzia-se, em 1913, *Representative Men* de R.W. Emerson, sob o sugestivo título de *Os Super-homens*. Estava aplanado o caminho para a nova vaga biográfica que viria a ocupar historiadores e curiosos durante uma parte substancial do século XX. (Álvaro Ribeiro, "Apresentação", [1956], pp.10-11; L. Magalhães, *op. cit.*, p.ii; M.G. Viana, "Ensaio preambular", 1944, p.17)

**Bibliografia activa:** AGOSTINHO, José de, *Dr. António José d'Almeida*. Col. Galeria republicana, 1. Lisboa, Biblioteca Democrática, 1906; *Album: publicação photo-biographica*. Dir. Júlio Rocha, A.1, nº1 (19 Abr. 1891) – A.1, nº20 (Dez. 1891). Lisboa, José Garcia de Lima, 1891; ALMEIDA, Virgínia de Castro e, BARROS, Teresa Leitão de, e PINTO, Estêvão, *Grandes portuguesas*, 17 fascs., 2 vols.. Lisboa, S.P.N.,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1943-1951; AMEAL, João, *Dona Leonor: "Princesa Perfeitíssima"*. Col. Rainhas e princesas de Portugal. Porto, Liv. Tavares Martins, 1943; ANDRADE, A.A. Banha de, *História de um fidalgo quinhentista português: Tristão da Cunha*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1974; AZEVEDO, J. Lúcio de, *O Marquez de Pombal e a sua época*. Lisboa, Clássica Editora, 1909 [ 2ª ed. com emendas Rio de Janeiro/Lisboa/Porto, Anuário do Brasil/Seara Nova/Renascença Portuguesa, 1922]; BAIÃO, António, *Afonso d'Albuquerque*. Col. Grandes vultos portugueses, 3. Lisboa, Liv. Ferin/Baptista, Torres & Cª., 1913; BARATA, Mª do Rosário Themudo, *Rui Fernandes de Almada: diplomata português do século XVI*. Diss. licenc.. Lisboa, Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos Históricos anexo à Fac. Letras UL, 1971; BARBOSA, Inácio de Vilhena, *Exemplos de virtudes civicas e domesticas: colhidos na historia de Portugal*. Porto, Imprensa Portuguesa, 1872; BEIRÃO, Caetano, *D. Maria I: 1777-1792: subsídios para a revisão da história do seu reinado*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934; BEM, Tomás Caetano de, *Ilustração histórica à genealogia dos reis de Portugal*. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789; *idem*, *Vida do V.P.D. Alberto Maria Ambiveri, clérigo regular [...]*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1782; BRAGA, Teófilo, *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*. Porto, Tipografia A. Silva Teixeira, 1884; *idem*, "Theoria dos grandes homens", *Plutarcho português: collecção de retratos e biographias dos principaes vultos historicos da civilisação portugueza*, Porto, vol.I (1881), pp.v-ix; BRAZÃO, Eduardo, *D. João V: subsídios para a história do seu reinado*. Colecção Histórica, [8]. Porto, Portucalense Editora, 1945; BROCHADO, Idalino da Costa, *Afonso de Albuquerque*. Lisboa, Portugália, 1943; *idem*, *Infante D. Henrique*. Lisboa, Editorial Império, 1942; CAMPO BELO, Conde de, *O arquivo biográfico nacional*. Comunicação apresentada no Congresso Luso-Espanhol do Porto, 1942. Porto, Imprensa Portuguesa, 1944; CARLYLE, Thomas, *Os heróis*. Apres. e trad. Álvaro Ribeiro, 2ª ed.. Lisboa, Guimarães, 2002 [1ª ed. port. 1956; ed. orig. ingl. *On heroes, hero-worship, & the heroic in history*, 1941]; CASTILHO, António Feliciano de, "Emília das Neves e Sousa", *Revista contemporânea de Portugal e Brasil*, vol.2, n.4 (1860), pp.195-209; CHAGAS, Pinheiro, "Historia de Julio Cezar, por Napoleão III", *Revista contemporânea de Portugal e Brasil*, 5 (1864), pp.649-657; *idem*, *Migalhas de história portugueza*. Lisboa, Liv. António Maria Pereira, 1893.; *idem*, *Portuguezes illustres*. Lisboa, Imp. de J.G. de Sousa Neves, 1869; CIDADE, Hernâni (Dir.), *Os grandes portugueses*, 2 vols.. Lisboa, Arcádia, [1959]; COELHO, António Borges, *Alexandre Herculano*. Col. Biografia de bolso, 15. Lisboa, Presença, 1965; COELHO, J.M. Latino, *Garrett e Castilho: Estudos biográficos*. Carta-pref. Dr. Xavier da Cunha. Lisboa, Editores Santos & Vieira – Empresa Literária Fluminense, 1917; *idem*, *Luiz de Camões*. Col. Galeria de varões illustres de Portugal, 1. Lisboa, David Corazzi/Empresa Horas Românticas, 1880; *idem*, *O Marquez de Pombal*. Grande ed. popular adornada de noventa ilustrações. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1905; *Colecção "Pelo Império"*. Ordenada por Manuel Ferreira. Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945; CONCEIÇÃO, Cláudio da (Fr.), *Gabinete histórico que a Sua Magestade Fidelíssima o Senhor Rei D. João VI [...]*, 17 vols.. Lisboa, Imprensa Régia,





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1818-1831; CORDEIRO, Luciano, *Diogo d'Azambuja*. Memória apresentada à 10ª sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas. Col. Descobertas e descobridores. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; *idem*, *A Senhora Duquesa*. Col. Serões manuelinos, 1. Lisboa, Liv. Ferin, 1889; CORTESÃO, Jaime, "A história e o historiador", in *idem*, *Obras completas*, vol.I. Lisboa, Portugalia, 1964 [1ª ed. do texto 1959(?)]; DOMINGUES, Mário, *Grandes momentos da história de Portugal*. Lisboa, FNAT, 1958; DÓRIA, Álvaro, *A Rainha D. Maria Francisca de Sabóia: (1646-1683): ensaio biográfico*. Col. Biblioteca histórica: série régia. Porto, Liv. Civilização, 1944; EMERSON, Ralph Waldo, *Os super-homens*, 2 vols.. Trad. Domingos Guimarães. Col. Biblioteca educação intelectual, 22. Porto, Magalhães & Moniz, 1913 [ed. orig. ingl. *Representative men*, 1850]; FIGUEIREDO, António Pereira de, *Elogios dos reis de Portugal, em latim, e em portuguez, illustrados de notas historicas, e críticas*. Lisboa, Na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1785; FIGUEIREDO, Pedro José de, *Retratos, e elogios dos varões, e donas, que illustraram a nação portugueza em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos, como modernos, offerecidos aos generosos portugueses*, t.1. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1817; *As Figuras Nacionais de Mário Gonçalves Viana: apreciadas pela crítica portuguesa*. Porto, Editora Educação Nacional, 1938; FRANÇA, José-Augusto, *Vieira da Silva*. Col. Arte contemporânea. Lisboa, Artis, 1958; FRANKLIN, Francisco Nunes, *Chronica do muito alto e muito esclarecido principe Dom Afonso primeiro duque de Bragança*. Memória apresentada à Academia Real das Ciências, [s.d.]. (Mss., Arquivo Histórico da Casa de Bragança); GARRETT, Almeida, *Da educação: cartas dirigidas a uma senhora illustre encarregada da instituição de uma jovem princeza*, 3ª ed.. Col. Obras completas do Visconde de Garrett. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1899 [1ª ed. Londres, 1829]; *idem*, "Memoria histórica de J. Xavier Mousinho da Silveira", in *Discursos parlamentares e memorias biographicas do Sr. Visconde de Almeida-Garrett*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1871 [ed. orig. do texto 1849], pp.347-380; GRAÇA, Fernando Lopes, *Música e músicos modernos: aspectos, obras, personalidades*. Porto, Lopes da Silva, 1943; *idem*, *Viana da Mota: subsídios para uma biografia incluindo 22 cartas ao autor*. [Lisboa], Sá da Costa, 1949; GRAÇA, J.J. da Silva, "O povo e os grandes homens", *A Vanguarda*, a.1, 3 (23 Maio 1880), p.2; HERCULANO, Alexandre, "Cartas sobre a historia de Portugal. Carta IV", in *idem*, *Opusculos*, t.V: *Controversias e estudos historicos*, t.II. Lisboa, Viúva Bertrand, 1886 [texto original 1842], pp.101-123; *idem*, "Elogio historico de Sebastião Xavier Botelho", in *idem* *Opusculos*, t. IX: *Litteratura*, t.I. Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1907 [1ª ed. do texto 1842], pp.202-228; LAGOA, Visconde de, *Grandes e humildes na epopeia portuguesa do Oriente*. Fasc.1: *Séculos XV, XVI e XVII*. [Lisboa, s.n.], 1942; LEME, Luís da Câmara [atribuído a], *Emília das Neves: documentos para a sua biographia [...]*. Lisboa, Liv. Universal Silva Júnior, 1875; LOBO, Francisco Alexandre, *Discurso historico e critico ácerca do Padre Antonio Vieira e das suas obras*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1823; *Memoria historica e crítica acerca de Luiz de Camões e das suas obras*. Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1820; LOPES, Óscar, *Jaime Cortesão*. Col. A obra e o homem. Lisboa, Arcádia, 1962;



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

LOUREIRO, Francisco de Sales, *Miguel de Moura (1538-1599): Secretário de Estado e Governador de Portugal*. Diss. dout. apresentada à Univ. de Lourenço Marques. Lourenço Marques, [s.n.], 1974; MACEDO, Jorge Borges de, *A situação económica no tempo de Pombal: alguns aspectos*. Lisboa, Morais Editores, 1982 [1ª ed. 1951]; MACHADO, Cirilo Volkmar, *Collecção de memórias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiveram em Portugal*. Lisboa, Na Imprensa de Vitorino Rodrigues da Silva, 1823; MARQUES, A. de Oliveira, *Afonso Costa*. Col. A obra e o homem. Lisboa, Arcádia, 1972; MARTINS, J.P. Oliveira, *Os filhos de D. João I*. Lisboa, Guimarães, 1983 [1ª ed. 1891]; *idem*, *Perfis*. Pref. Luís de Magalhães. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1930; *idem*, *A vida de Nun'Álvares*. Lisboa, Guimarães, 1984 [1ª ed. 1893]; MAZZA, José, *Dicionário biográfico de músicos portugueses*. Pref. e notas José Augusto Alegria. Lisboa, Tipografia Editorial Império, 1944-1945. Sep. *O Ocidente*; NUNES, Eduardo Borges, *Dom Frey Gomez: abade de Florença*, vol.I. Diss. dout.. Braga, Ed. autor, 1963; OLIVEIRA, J. Lopes de (Dir.), *As grandes figuras da humanidade: história geral da civilização*. Pt.I, vols. 1-5: *Políticos, guerreiros e descobridores*. Lisboa, Edições Universo, [1944-45]; ORTIGÃO, Ramalho, "A instrução publica (Carta ao Sr. Ministro do Reino)", in R. Ortigão e Eça de Queirós, *As farpas: Chronica mensal da politica, das letras e dos costumes*, t.VI (Jul.-Ago.). Lisboa, Tipografia Universal, 1876; PEDROSO, Consiglieri, *José Estêvão e a reacção religiosa*. Col. Propaganda democrática: o que o povo deve saber, vol.4. Lisboa, Tipografia Nacional, 1886; PERES, Damião, *D. João I*. Col. Grandes vultos portugueses, 5. Lisboa, Liv. Ferin, 1917; PIMENTA, Alfredo, *D. João III*. Col. Estudos históricos: Biblioteca de revisão histórica, 1. Porto, Liv. Tavares Martins, 1936; *Plutarcho portuguez: collecção de retratos e biographias dos principaes vultos historicos da civilisação portugueza*. Porto, Júlio Costa/Emílio Biel & Cª., 1881; QUEIRÓS, Francisco Fortunato, *D. Pedro V e a educação: ideário pedagógico de um rei*. Diss. licenc.. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1970; *idem*, *D. Pedro V e o seu pensamento político*, 5 vols.. Porto, Assembleia Distrital do Porto, 1974-1982; RAMOS, Luís de Oliveira, *O Cardeal Saraiva*. Diss. dout.. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1972; RAPOSO, Hipólito, *Dona Luísa de Gusmão: duquesa e rainha: 1613-1666*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1947; RAU, Virgínia, *Bartolomeo di Iacopo di ser Vanni, mercador-banqueiro florentino "estante" em Lisboa nos meados do século XV*. Lisboa, [s.n.], 1971. Sep. *Do Tempo e da História*, 4, pp.97-117; *idem*, *D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra*. Coimbra, Coimbra Ed., 1941. Sep. *O Instituto*, 98, p.5; RIBEIRO, José Silvestre, "O homem, os homens, os grandes homens", *O Panorama*, vol. XVIII, nº47 (1868), pp.371-372; RIBEIRO, Mário de Sampaio, *Acção da Rainha Dona Leonor na vida portuguesa: 1458-1525*. Lisboa, Editorial Gama, 1947; RODRIGUES, A. Gonçalves, *O protestante lusitano: estudo biográfico e crítico sobre o Cavaleiro de Oliveira*. Diss. dout.. Coimbra, Coimbra Editora, 1950. Sep. *Biblos*; RODRIGUES, António Patrício Pinto, *Retratos dos grandes homens da nação portugueza*. Colecção de "Epitomes". [Lisboa, Ed. autor, 1804-1825]; SÁ, Vítor de, *Amorim Viana: ensaio bio-bibliográfico*. Pref. Vieira de Almeida. Figueira da



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Foz, [s.n.], 1960. Diss. licenc.. Sep. *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, 3; *idem*, *Antero de Quental*. Col. Cultura e acção. Braga, [s.n.], 1963; *idem*, *A mocidade de Antero*. Pref. Agostinho da Silva. [S.l., s.n.], 1942; SAMPAIO, A.M. Forjaz de, *Os escriptores: a sua vida e a sua obra*. Col. Patrícia. Lisboa, Diário de Notícias, 1924-1931; SANTOS, António Ribeiro dos, “Da vida e escritos de Pedro Nunes”, *Memórias da Literatura Portuguesa da Academia das Ciências*, VII (1806), p.250 ss; *idem*, “Memória da vida e escritos de D. Francisco de Mello”, *idem*, pp.237-249; SÃO BOAVENTURA, Fortunato de (Fr.), *Noticias biograficas de Lord Visconde Wellington*. Lisboa, Na Impressão Régia, 1811; SARAIVA, António José (1917-1993), *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*, pt.III. Lisboa, Gradiva, 1990; *idem*, *Fernão Lopes*. Col. Saber. Lisboa, Europa-América, [195-]; SARMENTO, Olga de Moraes, *A Marqueza de Alorna: (sua influencia na sociedade portuguesa): 1750-1839*. Carta-pref. Teófilo Braga. Col. Mulheres ilustres, 1. Lisboa, Liv. Ferreira, 1907; SELVAGEM, Carlos, *Leonor Teles, o Grão Doutor e o Santo Condestabre*. Col. História de Portugal, 3. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1956; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Infanta Dona Maria (1521-1577) e a sua fortuna no Sul da França*. Diss. dout. apresentada à Univ. de Toulouse, 1953. Lisboa, Ed. de Álvaro Pinto (Revista “Ocidente”), 1955; SERRÃO, Joel, *Sampaio Bruno: sua vida e sua obra*. Lisboa, Inquérito, 1957; SILVA, Agostinho, *Biografias*, 3 vols.. Lisboa, Âncora, 2003; SILVA, Inocêncio, *Memórias para a vida íntima de José Agostinho de Macedo*. Org. Teófilo Braga. Lisboa, Academia Real das Ciências, 1898; SILVA, Luís Rebelo da, “Retratos de homens ilustres”, *Revista universal lisbonense*, vol.III (19 Out. 1843), pp.104-105; *idem*, *Varões ilustres das tres epocas constitucionais: colecção de esboços e estudos biographicos*. Lisboa, Liv. António Maria Pereira, 1870; VASCONCELOS, A. Teixeira de, *Glorias portuguesas*. Lisboa, Tipografia Portuguesa, 1869; *idem*, *O Sampaio da Revolução de Setembro*. Col. Livros para o povo, 1. Paris, Typographie Guiraudet, 1859; VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*. Porto, Artur José de Sousa, 1902; VELOSO, Rodrigo, *Antonio Rodrigues Sampaio*. Col. Jornalistas portugueses, 1. Lisboa, Ed. autor, 1910; VIANA, Mário Gonçalves, “Ensaio preambular”, in Plutarco, *Varões ilustres: (Demóstenes e Cícero)*. Col. Mensagem. Porto, Ed. Educação Nacional, 1944, pp.5-66; *idem*, *Nuno Álvares Pereira: arquétipo perene: tentativa de interpretação psicossociológica*. Sep. *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, 3-4 (1964). Lisboa, [s.n.], 1966.

**Bibliografia passiva:** ALMEIDA, M. Lopes de, Introdução a Lourenço Mexia Galvão, *Vida do famoso heróe Luiz de Loureiro*. Porto, Portucalense, 1946, pp.14-25; BONIFÁCIO, M<sup>a</sup> de Fátima, “Biografia e conhecimento histórico”, in *idem*, *Estudos de História Contemporânea de Portugal*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 241-53; CALDEIRA, Arlindo Manuel, “O poder e a memória nacional: heróis e vilões na mitologia salazarista”, *Penélope*, 15 (1995), pp.121-39; CARDOSO, Ângela Miranda, “O historiador, o leitor, o rei e as amantes deles: sobre alguns efeitos perversos do fim das teorias”, *Working*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Paper CRIA* [em linha], Lisboa, 9 (2011). Disponível em [cria.org.pt](http://cria.org.pt); CATROGA, Fernando, *A historiografia de Oliveira Martins: (entre a arte e as ciências sociais)*. Coimbra, UC, 1999. Sep. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVIII, pp.397-453; *idem*, “O magistério da história e a exemplaridade do ‘grande homem’: a biografia em Oliveira Martins”, in *O Retrato e a biografia como estratégia de teorização política*. Ed. A. Pérez Jiménez, J. Ribeiro Ferreira e M<sup>a</sup> do Céu Fialho. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004, pp. 243-288; CHAVES, J.A. Castelo Branco, *Memorialistas portugueses*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978; DOSSE, François, *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris, La Découverte, 2011 [1<sup>a</sup> ed. 2005]; FERREIRA, José Ribeiro, “Débito de Almeida Garrett a Plutarco”, in Joaquim Pinheiro, J. Ribeiro Ferreira e Rita Marnoto, *Caminhos de Plutarco na Europa*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008, pp.21-26; HESPANHA, António Manuel, “A história na cultura portuguesa contemporânea”, in José Vicente Serrão, Magda de Avelar Pinheiro e M<sup>a</sup> de Fátima Sá e Melo Ferreira (orgs.), *Desenvolvimento económico e mudança social: Portugal nos últimos dois séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp.583-99; IRIA, Alberto, “Dos biógrafos portugueses de Garcia de Horta (Nótulas biobibliográficas)”, *Garcia de Orta: Revista da Junta de Investigações do Ultramar*, 11 (4), n<sup>o</sup> especial comemorativo do 4<sup>o</sup> centenário da publicação dos “Colóquios dos Simples” (1963), pp. 833-856; LEVI, Giovanni, “Les usages de la biographie”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 1989 (6), pp.1325-36 ; LIMA, M. Baptista de, *Gomes de Amorim: vida e obras do ilustre biógrafo de Garrett*. Póvoa de Varzim, Liv. Camões, 1928; MACHADO, J.L. Saavedra, *A biografia em Leite de Vasconcelos*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 1970. Sep. revista *Ethnos*; MAGALHÃES, Luís de, “Oliveira Martins: o historiador e o político”, in Oliveira Martins, *Perfis*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1930; MALPIQUE, M. Cruz, *Teixeira de Pascoaes: biógrafo*. Lisboa, [s.n.], 1960. Sep. *O Ocidente*, 8, pp.115-119; MATOS, Sérgio Campos, “História, positivismo e função dos grandes homens no último quartel do séc. XIX”, *Penélope*, 8 (1992), pp.51-71; *idem*, *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Lisboa, Colibri, 1998; MAURÍCIO, Carlos, *A invenção de Oliveira Martins: política, historiografia e identidade nacional no Portugal contemporâneo (1867-1960)*. Lisboa, INCM, 2005; MOTA, Helena Maria Briosa e, “...ou como, através do relato da vida de grandes homens, é possível despertar consciências...”, in Agostinho da Silva, *Biografias*, vol.I. Lisboa, Âncora, 2003, pp.7-21; RIBEIRO, Álvaro, “Apresentação”, in Thomas Carlyle, *Os heróis*. Lisboa, Guimarães, 2002 [1<sup>a</sup> ed. port. 1956], pp.9-14; RODRIGUES, Alfredo Duarte, *O Marquês de Pombal e os seus biógrafos: razão de ser de uma revisão à sua história*. Lisboa, [s.n.], 1947; SÁ, Vítor de, “Releitura de *O Arquivo Nacional* (1932-1942). Fascismo e contradições em Rocha Martins”, *Vértice*, s.II, n<sup>o</sup>.21 (Dez. 1989), pp.107-111; SAMYN, Henrique Marques, «Retratos de donas “que ilustraram a nação portuguesa”: modelos de feminilidade nas primeiras décadas de Oitocentos», *Miscelânea*, Assis, 14 (jul.-dez. 2013), pp.301-315; SARDICA, José Miguel, “The content and form of ‘conventional’ historical biography”, *Rethinking History*, 17, 3



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(2013), pp.383-400; TORGAL, Luís Reis, “Antes de Herculano...”, in L.R. Torgal, J.M. Amado Mendes e F. Catroga, *História da História em Portugal (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp.19-37; *idem*, “Livros de História e de Histórias no Estado Novo”, *Biblos*, LXVIII (1992), 385-404; TORGAL, Luís Reis, MENDES, J.M. Amado, e CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

Ângela Miranda Cardoso



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP** BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA